

O Olhar Estrangeiro na Mídia: Representação, Cultura e Identidade sobre o Reino das Mulheres no Globo Repórter¹

Aline Bianchini²

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS

Camila Lângaro Becker³

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS

Resumo

Este artigo busca compreender os produtos midiáticos em sua função de produção e circulação de discursos culturais e na formação identitária dos sujeitos. Para isso, o trabalho apresenta e relaciona os conceitos de cultura, representações sociais, identidade e orientalismo, além de refletir sobre o papel social da mídia na construção da realidade cotidiana. Por fim, analisa o Bloco 1 do Globo Repórter sobre a China (veiculado em 26/11/2010), que trata sobre o Reino das Mulheres, um dos últimos matriarcados do mundo, a fim de identificar aspectos do discurso desse produto jornalístico e informativo sobre as práticas socioculturais que contribuem para a formação do olhar estrangeiro sobre “o outro”.

Palavras-chave: Cultura; Identidade; Representações Sociais; Práticas Socioculturais.

Introdução

O presente artigo busca compreender os produtos midiáticos em sua função de produção e circulação de discursos culturais e nas construções identitárias dos sujeitos. Como resultado da disciplina Seminário de Comunicação e Práticas Socioculturais⁴, cursada no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGCOM/UFRGS), o trabalho tem como proposta identificar aspectos do discurso jornalístico que contribuem para a formação do olhar estrangeiro sobre “o outro”.

Para atingir tal objetivo, analisaremos o primeiro bloco do programa Globo Repórter veiculado no dia 26 de novembro de 2010, sobre a China⁵, realizado e apresentado por

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Culturas Urbanas, XV Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PPGCOM/PUCRS). Bolsista CAPES, e-mail: li.bianchini@gmail.com.

³ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGCOM/UFRGS). Bolsista CAPES, e-mail: becker.mila@gmail.com.

⁴ A disciplina é ministrada pela Prof^a Dr^a Karla Maria Müller. Este trabalho resulta de seminário apresentado pelos alunos Aline Bianchini e Camila Lângaro Becker (autoras deste artigo), Leandro Olegário dos Santos, Luciana Florentino Novo, Marcilene Forechi e Taís Seibt.

⁵ Disponível em: <<http://g1.globo.com/globo-reporter/noticia/2010/11/veja-o-reino-das-mulheres-na-china.html>>. Último acesso em: 15 jul 2015.

Glória Maria (repórter especial do programa no mesmo ano). Com 42 anos de existência, o programa jornalístico de reportagem tem como objetivo produzir matérias sobre assuntos com potencial de amplo alcance de público. Desde 1996, com o aumento significativo da audiência das classes C e D, o Globo Repórter tomou como diretriz abordar assuntos de maior abrangência, no intuito de gerar interesse em telespectadores de todas as classes sociais. Desde então, o programa passa a destacar temas relacionados à natureza e ecologia, mostrando as paisagens e a vida em localidades distantes dos grandes centros urbanos⁶.

O trecho analisado da edição sobre a China, de novembro de 2010, trata sobre o chamado Reino das Mulheres, um dos últimos matriarcados existentes no mundo, vivido pelo povo Mosuo. Para esses habitantes de Loshui, um povoado de cerca de 25 mil habitantes localizado nas margens do Lago Lugu, na província de Yunann⁷, as mulheres detêm todo o poder, dentro e fora do ambiente doméstico, política e administrativamente – entre os Mosuo, por exemplo, as mulheres gerenciam as finanças e apenas a elas está reservado o direito à posse de terras.

A ampla propagação dessa cultura pela mídia tem despertado o interesse de outros povos, orientais e ocidentais, em sua maioria de orientação patriarcal. A matrilinearidade nas relações familiares e a curiosidade pelo que acontece com os papéis masculinos e femininos em uma sociedade comandada por mulheres provocou o aparecimento e constante crescimento do turismo na localidade.

Desde a metade dos anos 2000, são diversos os documentários e reportagens⁸ que retratam a vida de tal povoado, abordando, inclusive, seu contato com turistas estrangeiros. Desse encontro entre culturas resultam alguns atritos e estranhamentos, como mostra uma matéria feita pela rede de televisão estadunidense PBS⁹. Podemos ver na reportagem referida, por exemplo, como as mulheres Mosuo são desrespeitadas por turistas que, sem compreender seus costumes em relação a práticas socioculturais referentes ao namoro, casamento e sexualidade, oferecem dinheiro para manter relações sexuais com elas; ou

⁶ Disponível em: <<http://g1.globo.com/globo-reporter/noticia/2010/04/conheca-historia-do-globo-reporter.html>> . Acesso em: 16 jul 2015.

⁷ A província de Yunann, no sudoeste da China, é o local onde existe a mais importante concentração de minorias étnicas do mundo (COLER, 2008, p. 15).

⁸ Dentre tantos, citamos o livro de Ricardo Coler, O reino das mulheres: o último matriarcado, publicado no Brasil em 2008; uma reportagem feita em 2008 pela National Geographic, disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Vg9Lv224580>> ; um documentário realizado pela PBS, em 2012, e disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=bbzG0n3shTM>>; e, por fim, um reportagem veiculada pela BBC, em 2008, disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/pop/080611_video_masau_pop.shtml>.

⁹ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=bbzG0n3shTM>>. Acesso em: 13 jul 2015.

como o cotidiano da cidade tem mudado para atender às demandas de hotéis e restaurantes para os visitantes.

Para entender melhor como se dá essa construção de identidades e diferenças a partir das representações sociais e dos discursos culturais propagados pela mídia, lançamos mão de alguns autores que podem nos auxiliar na análise de nosso objeto. Clifford Geertz, Stuart Hall, Néstor Garcia Canclini, Serge Moscovici, Denise Jodelet, entre outros, nos darão aporte teórico no que tange à cultura, às representações e às identidades. Já Edward Said nos auxilia a compreender o olhar estrangeiro construído pela mídia na relação entre as culturas ocidental e oriental. Enquanto que as percepções sobre o papel social da mídia estarão ancoradas em autores como John B. Thompson, Miquel Alsina, Peter Berger e Thomas Luckmann.

Cultura, representações sociais e identidade

Ao analisarmos as estruturas e as práticas sociais verificamos, de acordo com Canclini (2009), o aparecimento de resíduos, isto é, uma série de atos que não parecem ter muito sentido se analisados com uma concepção pragmática. O que significam, por exemplo, os variados rituais das diferentes sociedades? Por que e para que os homens pintam a pele, adornam seus corpos ou mesmo penduram coisas nas paredes das casas?

Em *As utilizações da cultura* (1973), Richard Hoggart questionou a estreiteza das análises culturais tradicionais que apagavam a experiência cotidiana do homem simples. Assim, o autor estudou e descreveu “como as classes trabalhadoras falam e pensam, quais são os valores compartilhados no cotidiano, compreendendo a cultura como práticas que produzem sentido” (ESCOSTEGUY, 2011, p. 17).

São essas práticas que produzem sentido, ou seja, os conjuntos de processos sociais de significação que conformam a cultura. Desse modo, a cultura se apresenta como um conjunto de processos sociais constituídos de significações, símbolos e sentidos (CANCLINI, 2009). Geertz, em *A interpretação das culturas* (1989), nos fala de um conceito de cultura essencialmente semiótico, relacionado aos signos e linguagens (palavras, sons, imagens, cores, formas e gestos). Tais signos, segundo o autor, são compreendidos e propagados devido à memória, estruturada coletivamente.

Acreditando como Max Weber, que o homem é um animal amarrado a teias de significado que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura de significado (GEERTZ, 1989, p. 4).

Além de uma ciência interpretativa, a cultura, para Geertz, nunca é particular, mas sempre pública – pública, social e constituída por sistemas de signos passíveis de interpretação. Neste contexto, entendemos que essas teias de significações que constituem a cultura são conformadas por representações socialmente construídas, resultantes da interação social e consensuadas em grupos de indivíduos. Para Jodelet, que nos apresenta a definição mais consensual entre os pesquisadores do campo, “as representações sociais são uma forma de conhecimento socialmente elaborado e compartilhado [...] e que contribui para a construção de uma realidade comum a um conjunto social” (2002, p. 22).

Desse modo, essa realidade partilhada e socialmente construída não é uma cópia nem uma imagem fotográfica da realidade, mas uma tradução, uma versão dela (ARRUDA, 2002). São o conjunto de explicações, crenças, ideias ou opiniões resultantes da interação social de um determinado grupo de indivíduos (MOSCOVICI, 2003). Além disso, é dinâmica e móvel: está em constante transformação, como o objeto que tenta elaborar.

Para Moscovici, a comunicação é berço e desaguadouro das representações – o que indica que o sujeito do conhecimento é um sujeito ativo e criativo. Esse, porém, também se transforma com a representação social: “o sujeito amplia sua categorização e o objeto se acomoda ao repertório do sujeito, repertório o qual, por sua vez, também se modifica ao receber mais um habitante” (ARRUDA, 2002).

É esse caráter transformador que faz com que as representações sociais sejam conjuntos dinâmicos:

seu status é o de uma produção de comportamentos e relações com o meio, o de uma ação que modifica uns e outros, e não o de uma reprodução. [...] Não as consideramos como opiniões sobre nem imagens de, mas como teorias, como ciências coletivas *suigeneris*, destinadas à interpretação e à construção da realidade (MOSCOVICI; NEMETH, 1974, p. 48).

Ao citar Hall, Kathryn Woodward (2013, p. 8) afirma que as representações atuam simbolicamente para classificar o mundo e nossas relações no seu interior, podendo gerar identificação e consenso, fazendo sentido ou não em nossos contextos culturais. Assim, acreditamos, também acontece com as identidades: de acordo com Woodward (2013, p. 8), elas “adquirem sentido por meio da linguagem e dos sistemas simbólicos pelos quais elas são representadas”.

Desse modo, entendemos, então, que as identidades são também socialmente construídas através de representações e sistemas de significação, concordando com Tomaz

Tadeu da Silva (2013, p. 76) quando nos diz que a identidade e a diferença são criações sociais e culturais fabricadas por nós. E é apenas através da linguagem ou “atos de fala” que “instituímos a identidade e a diferença como tais” (SILVA, 2013, p. 77).

Nesta perspectiva, é visível a característica relacional da identidade, ou seja, uma identidade depende de algo fora dela para existir. Como nos exemplifica Woodward (2013, p. 8), ao falar sobre uma história que se passa na antiga Iugoslávia, dilacerada pela guerra:

A identidade sérvia depende, para existir, de algo fora dela: a saber, de outra identidade (Croácia), de uma identidade que ela não é, que difere da identidade sérvia, mas que, entretanto, fornece as condições para que ela exista. A identidade sérvia se distingue por aquilo que ela não é. Ser um sérvio é ser um “não-croata”. A identidade é, assim, marcada pela diferença.

A identidade e as representações sociais estão relacionadas na medida em que

a representação inclui as práticas de significação e os sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos, posicionando-nos como sujeito. É por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa experiência e àquilo que somos (WOODWARD, 2013, p. 17).

Desse modo, a identidade é compreendida dentro de um processo de produção simbólica e discursiva, que tem sentido dentro de uma cadeia de significados compartilhada. E a afirmação de determinada identidade é marcada pela diferença, já que opera em um sistema de inclusão/exclusão. “Afirmar a identidade significa demarcar fronteiras, significa fazer distinções entre o que fica dentro e o que fica fora. A identidade está sempre ligada a uma forte separação entre ‘nós’ e ‘eles’” (SILVA, 2013, p. 82).

A mídia e a construção da realidade social

Tendo, assim, as construções culturais como parte dos processos sociais, e a cultura como um conjunto de processos de significação ou de produção, circulação e consumo dessa significação na vida social (CANCLINI, 2009), apontamos para a compreensão da mídia em sua função de disseminação de conteúdos simbólicos que apresentam formas de dar sentido à experiência e a tais relações sociais. Ao tratarmos da produção e do controle do fluxo de produtos midiáticos e culturais, os meios de comunicação de massa aparecem como importantes fontes de influência na construção da subjetividade dos seres humanos (GUARESCHI, 2000), enquanto indivíduos que consomem, se apropriam e ressignificam tais conteúdos simbólicos na interação cotidiana.

Sobre o enlace entre cultura, mídia e ideologia, Thompson (1995) contribui a essa perspectiva com o conceito de mediação da cultura moderna, que nos indica a comunicação como um processo importante na transmissão das formas simbólicas cada vez mais mediada pelos aparatos técnicos e institucionais das indústrias da mídia. Os meios de comunicação de massa seriam, assim, fundamentais à construção da sociabilidade contemporânea, assumindo um papel de agentes sociais. Por isso, considerando o contexto histórico e de produção e recepção dos processos comunicacionais, indica-se o poder dos meios de comunicação de “controlar a produção do 'imaginário social', ou seja, atuar diretamente sobre a forma como os indivíduos representam para si mesmos, e em seu grupo social, as relações e as condições de vida a que estão submetidos” (GUARESCHI, 2000, p. 44).

Sendo assim, a comunicação pode ser vista como um processo complexo de produção e circulação de bens simbólicos que inclui, ainda, a forma como os indivíduos se apropriam de informações, que contribuem à construção de um repertório cultural e sua subjetividade nas relações cotidianas. Ao tratarem das relações da vida diária, Berger e Luckmann (2002) afirmam que o mundo consiste em múltiplas realidades, mas há uma que se apresenta como a realidade por excelência: a realidade da vida cotidiana. Segundo os autores, a contínua interação e a comunicação com os outros é característica essencial a essa vida que ocorre “dentro de uma teia de relações humanas” (BERGER; LUCKMANN, 2002, p. 39). “A realidade da vida cotidiana além disso apresenta-se a mim como um mundo intersubjetivo, um mundo de que participo juntamente com outros homens” (p. 40).

Segundo os autores, sobretudo a linguagem “marca as coordenadas de minha vida na sociedade e enche esta vida de objetos dotados de significação” (BERGER; LUCKMANN, 2002, p. 39) podendo objetificar e conservar significados desta realidade. Sendo assim, os símbolos e a linguagem simbólica são componentes essenciais à vida cotidiana e à apreensão dessa pelo senso comum.

A linguagem constrói, então, imensos edifícios de representação simbólica que parecem elevar-se sobre a realidade da vida cotidiana como gigantescas presenças de um outro mundo. A religião, a filosofia, a arte e a ciência são os sistemas de símbolos historicamente mais importantes deste gênero (BERGER; LUCKMANN, 2002, p. 61).

Assumimos, dessa maneira, formas e representações simbólicas surgidas a partir da linguagem e a comunicação como mecanismo capaz de concretizar tais trocas simbólicas nos âmbitos social e cultural. Nessa medida, podemos entender também a prática do jornalismo como uma das instâncias de construção discursiva da realidade social. Porém,

como afirma Alsina (2009), sob a mesma perspectiva construtivista, essa realidade fabricada não diz somente respeito à produção jornalística, mas às práticas e aos papéis institucionalizados na vida cotidiana em um processo, juntamente, “social e intersubjetivamente construído” (ALSINA, 2009, p. 46).

Assim, a proposta de entender a composição de um discurso cultural dentro de um programa jornalístico e informativo, dá-se devido a sua função em relação à produção, circulação e consumo de bens simbólicos. Se a notícia é produto de uma construção social, como afirma Alsina (2009), deve-se ainda ao chamado poder fiduciário do jornalismo na sociedade e à legitimidade discursiva dos meios de comunicação de massa ao definirem, selecionarem e hierarquizarem os acontecimentos do cotidiano. Segundo o autor, a construção da realidade social por parte da mídia se dá, da mesma forma, em um processo de reconhecimento e “os jornalistas têm um papel socialmente legitimado e institucionalizado para construir a realidade social como realidade pública e socialmente relevante” (ALSINA, 2009, p. 47).

A notícia é, portanto, construída em um processo pertencente à realidade simbólica, pública e cotidiana (ALSINA, 2009). E dessa forma, os jornalistas podem ser também considerados construtores da realidade ao seu redor, produzindo, acima de tudo, uma narrativa que não é neutra e que não se constitui como uma mera descrição dos fatos, mas sim como uma maneira de pensá-los e interpretá-los. Para isso, nos estudos sobre a construção e os efeitos dessa notícia, se faz necessário considerar três âmbitos do processo:

No estudo desse fazer comunicativo do discurso jornalístico informativo, precisamos levar em conta que nos encontramos diante de um discurso social e, como tal, está inserido num sistema produtivo. Esse sistema produtivo tem suas próprias características que devem ser estudadas. Mas temos de lembrar que a construção da notícia é um processo de três fases: a produção, a circulação e o consumo (ALSINA, 2009, p. 10).

Ao falarmos de um produto televisivo, que faz uso de imagens e de uma narrativa própria, torna-se importante pensar no jornalista como produtor de discursos sobre o cotidiano e sem esquecer também que “estamos diante de aparatos tecnológicos que são os que constroem a realidade social” (ALSINA, 2009, p. 14). Isso significa considerar ainda que cada meio possui características tecnológicas que definirão seus produtos e que, além disso, o âmbito da organização e sua cultura condicionarão a produção jornalística tanto no nível técnico quanto no nível ideológico (ALSINA, 2009).

Contribuições da perspectiva Orientalista

Como diretrizes para a análise do Globo Repórter sobre o Reino das Mulheres, apontamos também algumas contribuições teóricas da obra de Edward Said (1990) a respeito do olhar estrangeiro construído pela mídia na relação entre as culturas ocidental e oriental. Importante intelectual de origem palestina e radicado nos Estados Unidos, Said discute o percurso da linha de estudos chamada de Orientalismo, defendendo a visão do Oriente como uma invenção, uma construção cultural e política de comunidades científicas europeias nos séculos XVIII e XIX e, posteriormente, reforçada pela sociedade norte-americana, a fim de justificar investidas colonialistas de países economicamente hegemônicos. Tais estudos teriam investigado diferentes civilizações em regiões como Ásia, África e Oriente Médio e serviram como pretexto ao processo imperialista, possibilitando o controle da produção de discursos e sentidos sobre a cultura de povos tidos como “primitivos”, “inferiores” e vindos de lugares em que se podia encontrar, como afirma Said (1990), “episódios romanescos, seres exóticos, lembranças e paisagens encantadas, experiências extraordinárias” (p. 21).

Através do uso de clichês e estereótipos que sustentava violências físicas e simbólicas, o cerne do dogma orientalista tradicional fundou-se na organização de um sentimento de que “aquela gente que mora lá não é como 'nós' e não aprecia 'nossos' valores” (SAID, 1990, p. 11). Essa forma de representação da cultura oriental serviu, assim, para legitimar o poder e a autoridade sobre aquele tido como “o outro”. Para Said (1990), “tanto quanto o próprio Ocidente, o Oriente é um ideia que tem uma história e uma tradição de pensamento, um imaginário e um vocabulário que lhe deram realidade e presença no e para o Ocidente” (p. 23).

Dentro do universo de discussão sobre o conceito de cultura e o papel dos meios de comunicação de massa na produção e circulação de discursos que são apreendidos e significados nas interações sociais, a visão da construção de um olhar estrangeiro sobre “o outro” se faz importante para entender também as relações de poder que atravessam esse processo. O Oriente foi criado ou “orientalizado” a partir de “uma relação de poder, de dominação, de graus variáveis de uma hegemonia complexa” (SAID, 1990, p. 25).

O Orientalismo, portanto, não é uma visionária fantasia europeia sobre o Oriente, mas um corpo elaborado de teoria e prática em que, por muitas gerações, tem-se feito um considerável investimento material. O investimento continuado criou o Orientalismo como um sistema de conhecimento sobre o Oriente, uma rede aceita para filtrar o Oriente na consciência ocidental, assim como o mesmo investimento multiplicou – na verdade,

tornou verdadeiramente produtivas – as afirmações que transitam do Orientalismo para a cultura geral (SAID, 1990, p. 26).

A reflexão do autor nos ajuda a pensar sobre tal criação de oposição identitária entre o Leste e o Oeste do globo e nos efeitos diretos desses discursos nas esferas sociais. A partir do século XX, evidenciam-se diversas representações nocivas fabricadas a respeito das culturas árabe e islâmica a fim de justificar o poder dos Estados Unidos como reconstrutor do modelo de “democracia” de livre mercado no Oriente Médio. Sobre isso, Said (1990) aponta para a diferença entre o “desejo de compreender por razões de coexistência e de alargamento de horizontes, e o desejo de conhecimento por razões de controle e dominação externa” (p. 10). E nesse processo de disseminação de discursos, a mídia tem papel fundamental na reprodução de “fábulas inverificáveis” e de “vastas generalizações” (SAID, 1990, p. 11).

Hoje em dia as livrarias americanas estão lotadas de impressos de má qualidade ostentando manchetes alarmistas sobre o islã e o terror, o islã dissecado, a ameaça árabe e a ameaça muçulmana, tudo escrito por polemistas políticos que alegam deter conhecimentos oferecidos a eles e a outros por especialistas que, supostamente, atingiram o âmago desses estranhos e remotos povos orientais que têm sido um espinho tão terrível em ‘nossa’ carne’ (SAID, 1990, p. 10).

O olhar estrangeiro no Globo Repórter

Com base nos conceitos apresentados acima, propomos uma breve análise do Bloco 1 do programa Globo Repórter sobre a China, mais especificamente da reportagem a respeito de o Reino das Mulheres, veiculada no dia 26 de novembro de 2010. Na observação e interpretação dessa matéria jornalística, de duração de aproximadamente 9 minutos, consideramos o conjunto de uma narrativa televisiva, que inclui a associação de textos, imagens e sons. A partir da composição dos referidos recursos narrativos desse produto informativo, percebemos a construção de representações e discursos a respeito de diferentes identidades chinesas e das práticas socioculturais do povo Mosuo.

“Tão distante, tão misteriosa. O indecifrável som de 1,3 bilhão de vozes” (0’25’’), afirma a repórter Glória Maria em sua narrativa de introdução a respeito da China retratada na matéria. Com o auxílio de recursos gráficos, o programa serve-se também de um mapa que revela ao espectador onde se localiza esse lugar situado “do outro lado do planeta” (0’53’’). O olhar estrangeiro lançado sobre a cultura chinesa se apresenta, assim, na

sequência de atos de fala, enquadrando um conjunto de costumes e idiomas como parte de uma cultura não reconhecida que precisa ser desvendada – ou que é impossível decifrar.

A caracterização desse oriente como um lugar do exótico e do desconhecido, comum aos tradicionais estudos orientalistas, como afirma Said (1990), também pode ser identificada na composição da narrativa jornalística analisada. Imagens de paisagens rústicas e símbolos místicos são associados ao texto que apresenta a China como um país de “cultura tão diferente” (2’24”) e de “intrigantes costumes” (0’35”).

A demarcação da diferença na construção das identidades, apontada por Silva (2013), legitima a separação entre o “nós” e o “eles”, em uma relação de inclusão e exclusão, e mostra-se, principalmente, através do discurso dicotômico da reportagem a respeito da cultura chinesa. Quando fala-se do povo Mosuo, refere-se a uma China distinta daquela que virou notícia em 2010. A China “ocidentalizada”, de economia ascendente e cada vez mais identificada com determinados valores capitalistas, é separada do país em que vive a comunidade do Reino das Mulheres. É anunciada, assim, a existência de dois países, “duas Chinas” (0’59”) (ver Figuras 1 e 2)¹⁰, que vivem realidades paralelas: uma representando a prosperidade e o desenvolvimento e, a outra, a tradição.

Fig. 1



Fig. 2



De acordo com o programa, a comunidade Mosuo é mantenedora dos costumes tradicionais e “é o isolamento que garante a sobrevivência” (2’20”) dessa cultura. Sobre essa “outra China” é lançado um olhar fixo, como se sua identidade, seus valores e costumes tivessem parado no tempo, contrapondo-se à China que avança e se desenvolve. A afirmação de que o vilarejo Mosuo é “um mundo que parece perdido no passado” (2’30”), onde as pessoas “vivem até hoje exatamente do mesmo jeito que seus antepassados viviam há séculos” (3’40”), reforça a ideia da identidade e da diferença como criações sociais

¹⁰ Fonte: Youtube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=_OhU6EXIOsc>. Último acesso em: 24 jul 2015.

através de discursos. Parte-se, assim, de uma visão que nega as transformações e incorporações culturais desse “outro” e legitima uma cultura dominante (ver *Quadro 1*).

Quadro 1: As duas Chinas

A China “moderna”	A China dos Mosuo
“tem pressa” (1’04’’)	“caminha mais devagar” (1’13’’)
“velocidade de tirar o fôlego” (1’10’’)	“se moderniza lentamente” (1’16’’)
“economia poderosa” (1’07’’)	“a tradição de seu povo” (1’22’’)
“as mudanças vêm e vão” (1’07’’)	“ a outra China” (1’13’’)

Na reportagem, também vemos como a representação das práticas socioculturais reforçam, de certa forma, as identidades e diferenças. Observamos a acentuação dos contrastes culturais como forma de reafirmação de valores da cultura Ocidental ou da China moderna – que se aproxima em princípios e forma de vida de países de cultura hegemônica, ou seja, é apresentada como uma China Ocidental, que “tem pressa” (1’05’’), com mudanças que “vão e vêm numa velocidade de tirar o fôlego” (1’10’’). Isso pode ser visto, por exemplo, no discurso sobre a mulher ter de conquistar o homem. Determinado conceito de beleza, de vaidade feminina e a necessidade da conquista amorosa através de atributos físicos estão implícitos quando Glória Maria questiona uma Mosuo se as mulheres daquele povo têm algum segredo de beleza para conquistar os homens.

Outro exemplo pode ser observado quando a repórter se refere à excentricidade da refeição que lhe é servida (ver Figura 3)¹¹. “O que eles prepararam pra gente é uma gordura de três anos [...] e é isso aqui que a gente vai ter que comer” (6’43’’). O que confere o exotismo da refeição é o olhar estrangeiro à cultura culinária daquele local. Assim como nos disse Woodward (2013) anteriormente, e aqui retomamos, uma identidade não é uma constituição do povo que a supõe própria: ela é relacional e depende de algo fora dela para existir, isto é, é fruto do olhar do “outro” que contribui de forma ativa para que ela se legitime.

¹¹ Fonte: Youtube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=_OhU6EXIOsc>. Último acesso em: 24 jul 2015.



Globo Reporter - China - Parte 01 - 26/11/2010

O que é exótico, então, só pode ser classificado como tal a partir de outra cultura/visão dominante que assim a qualifique e institua o que é ordinário/nativo e o que é diferente – como nos lembra Silva (2013), quando nos diz que a afirmação da identidade demarca fronteiras, distinguindo o que fica dentro e o que fica fora.

Neste sentido, podemos igualmente questionar a relação que a reportagem faz do povo Mosuo como sendo um encontro entre modernidade e tradição – “mulheres tradicionalmente modernas” –, já que “em um país que sempre valorizou a força masculina, entre os Mosuo, são as mulheres que tomam todas as decisões” (1’51”). O que nos levaria a acreditar que naquele lugar as mulheres têm um poder sobre os homens? Seriam os mesmos elementos que nos fazem perceber que em sociedades patriarcais são os homens que detêm o poder sobre as mulheres? O que significa dizer que as mulheres Mosuo são modernas se a condição de nascer mulher confere a elas determinadas funções sociais há mais de mil anos?

É possível ver ainda na reportagem uma tentativa de distinção para demarcar e ressaltar o estranhamento em relação à cultura Mosuo no que se refere à sexualidade. Frases utilizadas pela repórter, como “as mulheres Mosuo podem viver sozinhas a partir dos 13 anos” (5’34”), ou “aos 17, podem abrir a porta de casa para o homem que quiserem” (5’38”) são um exemplo disso, quando sabemos que, na verdade, tais decisões não são tão diferentes no Ocidente. É o fato desta prática sociocultural ser institucionalizada dentro daquela comunidade que a faz estar fora de padrões ocidentais culturalmente dominantes.

Por fim, ressaltamos o reconhecimento do papel da ONU como “preservador” da cultura. Ao analisar a reportagem, vemos como as Nações Unidas e a própria academia, representada pelo professor Li Xu, aparecem como um “regulador”, capaz de preservar uma cultura milenar ameaçada pelo desenvolvimento da China: “Há 23 anos, o professor Li Xu é o responsável pelo trabalho de preservação da cultura mosuo. Ele não tem medo do futuro e conta que o governo chinês vai pedir às Nações Unidas que reconheçam essa cultura como Patrimônio da Humanidade” (8’29”).

Considerações finais

Sendo assim, a partir da análise da reportagem sobre o Reino da Mulheres, apresentada no programa jornalístico Globo Repórter, buscamos refletir as relações entre as representações sociais, as práticas de significação e os sistemas simbólicos que fazem parte da construção de culturas e de identidades. Considerando a linguagem como forma de produzir e transmitir cadeias de significados compartilhadas, formando repertórios culturais dos sujeitos, também apontamos a importância da comunicação nos processos de interação social que constroem um olhar sobre “o outro” e sobre si mesmo – já que, como visto anteriormente, é por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa experiência e àquilo que somos (WOODWARD, 2013, p. 17)".

Desse modo, acreditamos, pensar na produção de sentido a respeito de um olhar estrangeiro lançado sobre as culturas é, também, refletir sobre suas consequências na inclusão/exclusão social e na formação de uma memória coletiva e das identidades dos sujeitos. Nesse sentido, os produtos midiáticos, possuem papel importante na visibilidade das representações sociais, contribuindo para a construção de uma realidade comum a um conjunto social. Em especial, o jornalismo se faz um espaço privilegiado e legitimado na produção e circulação de discursos sobre as práticas socioculturais do cotidiano. Por isso, se faz fundamental considerar a responsabilidade na disseminação de discursos culturais como capazes de fabricar, reforçar e circular estereótipos e promover diferenças.

Referências

ARRUDA, Ângela. Teoria das representações sociais e teorias de gênero. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n.117, pp. 127-147, nov. 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cp/n117/15555.pdf>>. Acesso em: 13 jul 2015.

BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**. 21ª ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

CANCLINI, Néstor García. **Diferentes, desiguais e desconectados**: mapas da interculturalidade. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.

COLER, Ricardo. **O reino das mulheres**: o último matriarcado. São Paulo: Planeta, 2008.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina D. **Uma releitura de um clássico dos estudos culturais**: as utilizações da cultura ([1957] 1973). In: GOMES, Itania Maria Mota; JANOTTI, Jeder Junior (Orgs.). **Comunicação e estudos culturais**. Salvador: EDUFBA, 2011. pp. 13-27.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1989.

GUARESCHI, Pedrinho A. et al., **Os construtores da informação: meios de comunicação, ideologia e ética**. Petrópolis, Vozes, 2000.

GLOBO REPÓRTER (2010). **China**. Edição do dia 26/11/2010. Disponível em:
<<http://g1.globo.com/globo-reporter/noticia/2010/11/veja-o-reino-das-mulheres-na-china.html>>.
Acesso em: Último acesso em 13 jul 2015.

GOMES, Itania Maria Mota; JANOTTI, Jeder Junior (Orgs.). **Comunicação e estudos culturais**. Salvador: EDUFBA, 2011.

HALL, Stuart. **Quem precisa da identidade?** In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

JODELET, Denise. **Representações sociais: um domínio em expansão**. In: JODELET, Denise (Org.). **As Representações sociais**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2002. pp.17-44.

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.
_____; NEMETH, Charlan Jeanne. **Minority influence**. In: NEMETH, Charlan Jeanne. (Org.). **Social psychology: classic and contemporary integrations**. Chicago: Rand McNally, 1974. pp.217-250.

RODRIGO ALSINA, Miquel. **A construção da notícia**. Petrópolis: Vozes, 2009.

SAID, Edward W. **Orientalismo: o oriente como invenção do ocidente**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **A produção social da identidade e da diferença**. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

THOMPSON, John B. **Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa**. Petrópolis: Vozes, 1995.

WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual**. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.